

Estórias primeiras e abensonhadas, semelhanças e diferenças

Um estudo comparativo de dois contos de João Guimarães Rosa e Mia Couto

Autor/Author

Per Olov Synnemar

Romanska och klassiska institutionen

Examensarbete 15 hp /Degree 15 HE credits

Portugisiska IV

Vårterminen/Spring term 2017

Handledare/Supervisor: **Mauro Cavaliere**

English title: Estórias Primeiras e Abensonhadas



Stockholms
universitet

Estórias primeiras e abensonhadas, semelhanças e diferenças

Um estudo comparativo de dois contos de João Guimarães Rosa e Mia Couto

Per Olov Synnemar

Resumo

Em seu discurso com o título "O sertão brasileiro na savana moçambicana", seguindo a sua nomeação como correspondente da Academia Brasileira de Letras em 1998, Mia Couto assinalou como encontrou nas obras de Guimarães Rosa a possibilidade de usar uma linguagem poética para recriar literariamente um universo socialmente e culturalmente diverso - no seu caso, o campo moçambicano. Há vários elementos comuns a Guimarães Rosa que ocorrem nas obras de Mia Couto. Em primeiro lugar, os cenários são muitas vezes o meio rural (o Sertão e a savana de Moçambique) e, assim como João Guimarães Rosa, Mia Couto usa uma linguagem poética carregada de neologismos. Suas estórias também muitas vezes se relacionam com vários mitos populares. Neste ensaio faremos algumas comparações baseadas em alguns elementos comuns aos contos "A terceira margem do rio" em *Primeiras estórias* de João Guimarães Rosa e "Nas águas do tempo" em *Estórias abensonhadas* de Mia Couto. Tomaremos alguns exemplos desses textos e estudaremos o grau de similaridade, mas também as diferenças.

In his speech with the title "O sertão brasileiro na savana moçambicana", following his nomination as correspondent to the Academia Brasileira de Letras in 1998, Mia Couto pointed out how he found in Guimarães Rosa's works the possibility to use a poetic language to recreate in literature a socially and culturally diverse universe - in his case the Mozambiquean countryside. There are several common elements from João Guimarães Rosa that we see reoccurring in the works of Mia Couto. The settings are often the rural countryside (the Sertão and the Mozambiquean savanna) and just as Guimarães Rosa, Mia Couto uses a poetic language loaded with neologisms. The stories also often relate to various popular myths. In this essay, we will make some comparisons based on some common elements between the short stories "A terceira margem do rio" in *Primeiras estórias*

of Guimarães Rosa and "Nas águas do tempo" in *Estórias abensonhadas* of Mia Couto. We will take some examples from these texts and study the degree of similarity, but also differences.

Palavras-chave

João Guimarães Rosa, Mia Couto, A terceira margem do rio, Primeiras estórias, Nas águas do tempo, Estórias abensonhadas, contos, literatura comparativa.

Sumário

1. Introdução

1.1.	Objetivo	6
1.2.	Corpus	6
1.3.	Estado da arte/ciência	6
1.4.	Questões de pesquisa	8
1.5.	Hipótese	8
1.6.	Teoria e método	8

2. Contextos

2.1	João Guimarães Rosa	9
2.2	O Brasil durante a vida de João Guimaraes Rosa	10
2.3	A terceira fase do modernismo no Brasil	11
2.4	Mia Couto	12
2.5	Moçambique num contexto histórico	13

3. Análise

3.1	Resumo/Ação	14
3.2	Personagem	15
3.3	Espaço, Narração & Focalização	17
3.4	Tempo	18
3.5	Desenlace	19
3.6	Quadros actanciais	21

4.	Conclusões	23
----	------------	----

5.	Bibliografia	24
----	--------------	----

Cada um rema sozinho uma canoa que navega um rio diferente, mesmo parecendo que está pertinho.

João Guimarães Rosa

1. Introdução

1.1 Objetivo

Esta tese tem como objetivo um estudo comparativo de dois contos: "A terceira margem do rio" de João Guimarães Rosa será comparado a "Nas águas do tempo" de Mia Couto. O primeiro faz parte de *Primeiras estórias*, um livro de contos que foi publicado em 1962. O conto de Mia Couto foi publicado no livro *Estórias abensonhadas* em 1994.

Podemos discernir uma forte relação entre várias características destes contos. Os enredos nos contos têm lugar no espaço rural indefinido. Os rios têm um papel simbólico e central, e os protagonistas são um velho e um menino, pai e filho em "A terceira margem do rio" e avô e neto em "Nas águas do tempo".

Mia Couto tem sido comparado com Joao Guimarães Rosa em numerosos trabalhos acadêmicos de uma perspectiva geral, e dois dos contos que foram comparados várias vezes são justamente "A terceira margem do rio" e "Nas águas do tempo". Analisaremos estes contos e investigaremos se as nossas conclusões são congruentes com as de pesquisadores anteriores. Partimos da premissa de que Mia Couto tem sido muito influenciado por Guimarães Rosa em geral, e especialmente nos contos mencionados acima. Na análise aplicaremos os conceitos narratológicos inspirados por Genette (narração, tempo, focalização) e Greimas (quadros actanciais).

1.2 Corpus

O nosso corpus consta de dois contos: o primeiro é "A terceira margem do rio" de João Guimarães Rosa, incluído na coletânea *Primeiras estórias*, publicado em 1962 e o segundo é "Nas águas do tempo" de *Estórias abensonhadas* de Mia Couto, publicado em 1994. *Primeiras estórias* é uma coleção de 21 contos, uma das obras mais tardias da vida de João Guimarães Rosa, publicada só 5 anos antes da sua morte com a idade de 59 anos. *Primeiras estórias* é também a primeira obra publicada após o *magnum opus* do Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*. Quanto a *Estórias abensonhadas*, é uma coleção de 26 contos, publicada relativamente cedo na carreira literária de Mia Couto. Outro aspecto importante é que *Estórias abensonhadas* foi escrito logo após o fim da guerra civil em Moçambique, e o espírito de fadiga de guerra, mas ainda assim um certo otimismo se faz sentir nas histórias.

1.3 Estado da arte/ciência

Estudos comparativos sobre João Guimarães Rosa e Mia Couto representam um campo que tem atraído um interesse considerável nas últimas décadas. Sem ser exaustivos, podemos mencionar alguns:

Na dissertação de Avani Souza Silva, *Ecos do imaginário infantil*, a autora faz um estudo comparativo sobre dois contos, "A margem da alegria" do livro *Primeiras estórias* de

Guimarães Rosa e “O viajante clandestino” do livro *Cronicando* de Mia Couto. Nesta dissertação, a autora tem como objetivo detectar na construção narrativa a presença do imaginário infantil. Na conclusão a autora diz que:

As análises evidenciaram um diálogo que os contos mantêm entre si, não só do ponto de vista temático, mas principalmente do ponto de vista estrutural, em que emergem, pela linguagem, ecos do imaginário infantil, às vezes mais perceptível, às vezes menos perceptível (Silva, 2006: 100).

Na sua tese de doutorado, *Nas fronteiras da memória: Guimarães Rosa e Mia Couto, olhares que se cruzam*, Silvana Núbia Chagas preocupa-se em comparar o uso da tradição oral nas obras de Guimarães Rosa e de Mia Couto. Uma das conclusões desta tese é “que Mia Couto, na verdade não foi influenciado por Rosa, mas, através de sua obra, ao utilizar o mesmo estilo, tornou este o seu ‘precursor’” (Chagas, 2006: 135).

No artigo de Wilma Avelino de Carvalho, *O hibridismo cultural em Guimarães Rosa e Mia Couto*, a autora faz uma comparação entre “A terceira margem do rio” e “Nas águas do tempo”, e destaca algumas semelhanças entre Guimarães Rosa e Mia Couto, e conclui que:

... o imaginário ficcional dos autores estudados é similar e que a imbricação entre os discursos do entre-lugar e do hibridismo cultural nos contos evidenciam o diálogo entre a literatura brasileira e moçambicana (Carvalho, 2012: 1).

No artigo de Vima Lia Martin, *O ‘mundo misturado’ de Guimarães Rosa e Mia Couto*, a autora também usa como corpus “A terceira margem do rio” e “Nas águas do tempo”, e aponta várias semelhanças. Quanto às convergências, ela estabelece que:

... os projetos literários de Mia Couto e de Rosa são marcados por um viés utópico, embora não seja exatamente essa a tônica do conto “A terceira margem do rio”. Em grande parte de seus textos, essa perspectiva esperançosa se traduz na possibilidade de articulação, ainda que tensa, de elementos da tradição e da modernidade, do sertão/savana e da cidade (Martin, 2010: 73).

Em muitos estudos comparativos entre Guimarães Rosa e Mia Couto, os pesquisadores se concentram em discernir semelhanças temáticas e linguísticas, isto é, o uso de oralidade na escrita, neologismos, e o regionalismo em textos de ambos autores. Se olharmos para as duas primeiras teses que estudamos, de Chagas e Núbia, elas tratam de aspectos que também se aplicam àqueles que estudamos em nosso corpus, ou seja, o uso por parte de ambos autores do imaginário infantil, o que é evidente tanto em “A terceira margem do rio” como em “Nas águas do tempo”, e que Guimarães Rosa de alguma forma pode ser visto como um precursor de Couto, uma conclusão que não parece contraditória.

Podemos também ver acima que há alguns pesquisadores que são mais específicos e têm estudado a grau de afinidade entre certos contos. Como mencionado, entre os contos mais comparados estão “A terceira margem do rio” e “Nas águas do tempo”. Nos artigos dos pesquisadores Wilma Avelino de Carvalho e Vima Lia Martin, a conclusão é que nestes contos temos aspectos muitos parecidos. Enquanto há vários aspectos desses contos a partir dos

quais seria possível tirar a conclusão de que Mia Couto queria instaurar uma relação intertextual com João Guimarães Rosa ao colocar a diegese no mesmo espaço e optando por um registro coloquial, podemos também ver que as diferenças entre esses contos são grandes. Desta forma, nós questionamos, até certa medida o grau de semelhanças e influências que Martin e Carvalho atribuem aos dois autores e examinamos por meio da análise narratológica, mais em detalhe quais são os signos que os distinguem.

1.4 Questões de pesquisa

Nesta tese abordamos a questão sobre o grau de semelhança entre os dois contos "A terceira margem do rio" e "Nas águas do tempo", em que aspectos as semelhanças são mais marcantes, e o que inspirou Mia Couto quando escreveu o seu conto. Enquanto podemos encontrar muitas semelhanças, podemos também dizer que os contos diferem entre si. Talvez as semelhanças e diferenças não sejam exageradas nem num sentido nem noutro.

Pretendemos mostrar que, apesar das semelhanças evidentes no que se refere aos enredos e às personagens, os autores veiculam mensagens diferentes. A análise a partir de critérios textuais mostra divergências entre códigos ideológicos opostos, isto é, a análise intertextual revela uma mudança radical na atitude de Mia Couto sobre o conflito tradição vs. modernização. Onde se desenvolve um pessimismo melancólico em "A terceira margem do rio", "Nas águas do tempo" termina numa maneira positiva perto da utopia.

1.5 Hipótese

Nossa hipótese é que Mia Couto tomou muita inspiração de Joao Guimarães Rosa, quando se trata do nível estilístico. Ele sente uma forte afinidade com o ambiente que Guimarães Rosa descreve, ou seja, o Sertão, que parece muito parecido com a natureza regional de sua Moçambique nativa, a savana, e as pessoas que a povoam. Mais especificamente, a hipótese é, ainda que Mia Couto tem sido influenciado muito por Guimarães Rosa em geral, e especialmente nos contos que são o corpus desta análise, tais influências são limitadas aos aspectos como enredo e personagem, enquanto a mensagem realmente difere muito uma da outra. Tentaremos compreender as razões para isso.

1.6 Teoria e método

A teoria que aplicaremos é a teoria narrativa de Gérard Genette, usando suas categorias narratológicas. Desta maneira, usaremos as categorias da ação, personagem, espaço, tempo, narração, focalização e desenlace (Reis & Lopes, 2004). Para cada uma destas categorias, faremos uma comparação detalhada entre os dois contos, para que possamos identificar semelhanças e diferenças. No campo de narratologia aplicaremos também os quadros actanciais de Greimas (Reis, 1992: 367) na análise, de forma de evidenciar semelhanças e diferenças entre sujeito, função e objeto; dador, função e destinador; adjuvantes e oponentes.

2. Contextos

2.1 João Guimaraes Rosa

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, um pequeno município brasileiro em Minas Gerais, em 1908. Foi o primeiro dos seis filhos de D. Francisca (Chiquitinha) Guimarães Rosa e de Florduardo Pinto Rosa. O seu pai era comerciante, juiz-de-paz, caçador de onças e contador de estórias. Guimarães Rosa começou a estudar francês na idade de 7 anos, sozinho, e na idade de 9 anos, começou a estudar holandês sob a supervisão de um frade holandês, que também ajudou Guimarães Rosa a prosseguir com os seus estudos de francês. Mudou a Belo Horizonte para estudar no colégio Arnaldo, que era dirigido por padres alemães, e iniciou o estudo do alemão, o que aprendeu em pouco tempo. Então, se tornou poliglota numa idade precoce (Abaurre & Pontara, 2005: 616).

Em 1925, com apenas 16 anos, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais. Formou-se em Medicina em 1930, e começou a trabalhar nesta profissão, na pequena cidade Itaguara, também em Minas Gerais, onde serviu como médico voluntário da Força Pública (atual Polícia Militar) durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Contudo, em poucos anos, começou a perceber que ser médico não era a sua vocação, e em 1938, terminou finalmente a sua carreira de médico. Iniciou uma carreira de diplomata, e teve, como primeiro cargo no exterior, o cargo de Cônsul-adjunto do Brasil em Hamburgo, na Alemanha, de 1938 a 1942, até que as relações diplomáticas com a Alemanha fossem rompidas. Durante sua carreira de diplomata teve também uma série de cargos em França e Colômbia. Seu último cargo oficial foi a Chefia do Serviço de Demarcação de Fronteira.

Guimarães Rosa mesmo descreveu sua carreira inicial com estas palavras numa entrevista com Günter Lorenz em 1965:

....fui médico, rebelde, soldado. Foram etapas importantes de minha vida, e, a rigor, esta sucessão constitui um paradoxo. Como médico conheci o valor místico do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência; como soldado, o valor da proximidade da morte.... (Lorenz, 1973: 4).

Guimarães Rosa é considerado como um dos grandes renovadores da literatura brasileira, especialmente no que se refere à linguagem. Criou uma nova maneira de contar e é alegadamente responsável por ter criado um grande número de palavras novas da língua brasileira (Abaurre & Pontara, 2005: 620).

Em 1929, ainda estudante, escreveu quatro contos, que foram premiados e publicados. O primeiro motivo que levou Guimarães Rosa a escrevê-los, no entanto, era econômico, isto é, para ganhar um prêmio. Em 1936, participou num outro concurso com a coletânea de poemas, *Magma*, e recebeu o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Um ano depois concorreu para um prêmio com uma coletânea intitulada *Contos*. Esta coletânea foi o que se tornou, após algumas revisões, a base para *Sagarana*, publicada em 1946 (Abaurre & Pontara,

2005: 616). Este é um livro de contos e um retrato do Sertão, que foi reconhecido como um dos livros contemporâneos mais importantes do Brasil.

O seu grande avanço veio em 1956 com o seu romance *Grande Sertão: Veredas* (Abaurre & Pontara, 2005: 616). A combinação de seu tamanho, estranheza linguística e temas polêmicos causou um choque quando foi publicado, mas agora é considerado uma das maiores obras da literatura brasileira e um dos romances mais importantes da literatura da língua portuguesa e da literatura sul-americana. Publicado em 1962, *Primeiras Estórias* foi o primeiro livro após *Grande Sertão: Veredas* (Abaurre & Pontara, 2005: 616).

Quanto a sua visão do seu papel como autor, ele disse:

Não, não sou romancista; sou um contista de contos críticos. Meus romances e ciclos de romances são na realidade contos nos quais se unem a ficção e a realidade. Sei que daí pode facilmente nascer um filho ilegítimo, mas justamente o autor deve ter um aparelho de controle: sua cabeça. Escrevo, e creio que este é o meu aparelho de controle: o idioma português, tal como o usamos no Brasil; entretanto, no fundo, enquanto vou escrevendo, eu traduzo, extraio de muitos outros idiomas. Disso resultam meus livros, escritos num idioma próprio, meu, e pode-se deduzir daí que não me submeto à tirania da gramática e dos dicionários dos outros (Lorenz, 1973: 6).

Em 1963 Guimarães Rosa candidatou-se pela segunda vez para a Academia Brasileira de Letras, e foi eleito por unanimidade. Mas, não tomou posse do seu lugar até 1967, três dias antes da sua morte (Abaurre & Pontara, 2005: 625).

2.2 O Brasil durante a vida de João Guimaraes Rosa

O período durante o qual Guimarães Rosa escreveu a maioria de suas obras foi um período muito agitado da história brasileira. O Brasil era uma ditadura de fato desde 1937, sob a liderança de Getúlio Vargas (Del Priore, 2010: 184). Durante a Segunda Guerra Mundial, o Brasil manteve-se neutro até 1942, quando se aliou com os Estados Unidos e rompeu as relações diplomáticas com as potências do Eixo. Como retaliação, submarinos alemães e italianos atacaram a marinha mercante do Brasil, e, depois de reações populares fortes, o Brasil declarou guerra contra as potências do Eixo (Del Priore, 2010: 188). No final da guerra, a posição de Vargas era insustentável, e ele foi deposto por um golpe em 1945 (Del Priore, 2010: 190). Eurico Gaspar Dutra assumiu o poder presidencial e apresentou uma nova constituição fundada em princípios democráticos. Embora Vargas fosse deposto em 1945, ele conseguiu manter a sua popularidade, e venceu a eleição presidencial em 1951 (Del Priore, 2010: 192). O seu tempo como presidente, no entanto, foi turbulento, e em agosto de 1954, cometeu suicídio, após uma onda de forte oposição (Del Priore, 2010: 194).

Uma série de governos provisórios se seguiu ao suicídio de Vargas, até que Juscelino Kubitschek fosse eleito presidente, e tomasse posse em janeiro de 1956 no Rio de Janeiro (Del Priore, 2010: 194). Kubitschek teve uma atitude relativamente benevolente diante da oposição, e, como resultado disto, as crises políticas foram poucas sob a sua presidência. Pelo contrário, a estabilidade política criou um ambiente favorável para o desenvolvimento.

Kubitschek tinha grandes ambições para o Brasil. Ele queria alcançar 50 anos de evolução em apenas cinco anos (Del Priore, 2010: 195). Grandes investimentos foram feitos em infraestrutura, construíram-se fábricas de carros, aviões e navios, mas o maior projeto foi a construção da nova capital Brasília, que foi inaugurada em 1960 (Abaurre & Pontara, 2005: 595).

Este ambiente que favoreceu a democracia e o desenvolvimento foi muito favorável para as artes. Durante este período, a fundação da Bossa Nova foi criada, com os intérpretes principais Antônio Carlos Jobim, Vinicius de Moraes e João Gilberto, que se tornaram ícones da cultura brasileira. Este foi também o momento em que o Cinema Novo surgiu. O teatro também passou por grandes mudanças, com expressões criadas pelo Teatro Brasileiro de Comédia em 1948 (Abaurre & Pontara, 2005: 596). Também a literatura se desenvolveu significativamente, com Clarice Lispector e João Guimarães Rosa como os representantes principais do movimento modernista (Abdala & Campedelli, 1985:271).

Em janeiro de 1961 Kubitschek foi sucedido por Jânio Quadros. Quadros renunciou depois de apenas seis meses, e foi sucedido por seu vice-presidente João Goulart. Ele foi recebido pela forte oposição, e foi deposto num golpe militar em 1964 (Abaurre & Pontara, 2005: 596). A abertura anterior agora foi transformada em forte censura e opressão, que não só afetou o meio político, mas também artistas de todas as categorias, todas que de alguma forma foram consideradas como dissidentes. Não foi até 1978-1979 que os primeiros passos em direção à democracia foram dados (Del Priore, 2010: 209).

2.3 A terceira fase do modernismo no Brasil

No final de 1940, a literatura brasileira passou por uma grande mudança. Autores começaram a explorar as possibilidades da linguagem, a matéria-prima dos textos, e desenvolveram novas experiências que romperam com a narrativa tradicional ao explorar as áreas mais íntimas do homem (Abaurre & Pontara, 2005: 614).

As características literárias desenvolvidas nesta fase são várias. Entre as mais importantes, encontramos o fato de que o mundo exterior passou a não mais ser um aspecto igualmente importante; em vez disso houve um movimento para o mundo interior ou mental das pessoas. A contemplação objetiva foi substituída por uma visão subjetiva. Outro aspecto foi que a narração deu lugar à aventura, a narração passou a não ser mais usada como meio para descrever a aventura, mas a narração em si tornou-se mesmo o mais importante. Uma das técnicas usadas foi o fluxo de consciência, para expressar os vários estados de espírito e as emoções que caracterizam uma personagem, por meio de um monólogo interior (Abaurre & Pontara, 2005: 618).

Neste período também se desenvolveu a prosa urbana que se concentrou em conflitos individuais. Paralelamente a isto a prosa regional desenvolveu novas expressões. Durante este tempo se desenvolveu o realismo fantástico, onde a distância entre a realidade e a expressão artística cresceu consideravelmente.

As obras que Guimarães Rosa escreveu durante este tempo, pode-se dizer, tocam em vários dos pontos acima, incluindo o regionalismo numa dimensão universal (Abaurre & Pontara, 2005: 623). É também interessante notar que o *magnum opus* de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, foi publicado em 1956 (Abaurre & Pontara, 2005: 616), no início da presidência do Kubitschek. Talvez um ambiente político mais opressivo tivesse feito a publicação e recepção mais difícil.

2.4 Mia Couto

Mia Couto nasceu António Emílio Leite Couto, em 1955, na Beira em Moçambique, filho de emigrantes portugueses. Foi jornalista, professor, e exerce atualmente a profissão de biólogo. É um dos escritores mais conhecidos da literatura em língua portuguesa.

Entre outros galardões importantes, já recebeu o Prémio Vergílio Ferreira em 1999, o Prémio Eduardo Lourenço em 2011 e o Prémio Camões, o mais importante da lusofonia, em 2013. Em 2013, recebeu o Prémio Internacional Neustadt de literatura, considerado como o Prémio Nobel da América do Norte. É também o único escritor africano membro da Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 1998 como sócio correspondente. O seu romance *Terra Sonâmbula* foi considerado pela Feira Internacional do Livro do Zimbabué como um dos doze melhores livros africanos do século XX.

Publicou os seus primeiros poemas no jornal *Notícias da Beira*, com apenas 14 anos, apesar de posteriormente ter se dedicado sobretudo à ficção em prosa. Em 1972 foi estudar medicina em Lourenço Marques, atual Maputo, mas a partir de 1974 enveredou pelo jornalismo, tornando-se repórter com a independência de Moçambique.

Nos anos oitenta regressou à universidade para se formar em biologia, especializando-se em ecologia. Realizou trabalho de pesquisa em diversas áreas, nomeadamente sobre a forma como as lendas tradicionais interferem na gestão dos recursos naturais.

Sua carreira literária verdadeira começou com a coleção dos contos *Vozes Anoitecidas*, publicada em 1987, seguida pela segunda coleção *Cada Homem É Uma Raça* em 1990. Seu primeiro romance, *Terra Sonâmbula*, foi publicado em 1992, e, depois, publicou *Estórias Abensonhadas* em 1994, onde encontramos o conto "Nas águas do tempo", um dos objetos desta tese.

Não é fácil situar Mia Couto culturalmente. Ele nasceu em Moçambique, de pais europeus, e viveu durante o período colonial uma vida privilegiada no enclave branco. No entanto, ele escolheu o lado da população indígena após a independência em 1975. Diferentemente da maioria dos europeus, que saiu de Moçambique, Mia Couto ficou para trás e trabalhou ativamente com comunicações no lado da FRELIMO.

Linguisticamente, Couto tem as raízes europeias, mas também foi influenciado pelo ambiente dos idiomas locais. No seu estilo literário, ele foi muito influenciado por João Guimarães Rosa, como ele mesmo disse em sua palestra quando foi eleito para a Academia Brasileira de Letras:

(...) E foi poesia que me deu o prosador João Guimarães Rosa. (...) Mais que a invenção de palavras, o que me tocou foi a emergência de uma poesia que me fazia sair do mundo, que me fazia inexistir. Aquela era uma linguagem em estado de transe, que entrava em transe como os médiuns das cerimônias mágicas e religiosas. Havia como que uma embriaguez profunda que autorizava a que outras linguagens tomassem posse daquela linguagem. Exatamente como o dançarino da minha terra que não se limita a dançar. Ele prepara a possessão pelos espíritos. O dançarino só dança para criar o momento divino em que ele emigra do seu próprio corpo. Para se chegar àquela relação com a escrita é preciso ser-se escritor. Contudo, é essencial, ao mesmo tempo, ser-se um não escritor, mergulhar no lado da oralidade e escapar da racionalidade dos códigos da escrita enquanto sistema único de pensamento. Esse é o desafio de desequilibrista – ter um pé em cada um dos mundos: o do texto e o do verbo. Não se trata apenas de visitar o mundo da oralidade. É preciso deixar-se invadir e dissolver pelo universo das falas, das lendas, dos provérbios. (...) (Couto, 2005: 107).

Com esta declaração, não há dúvidas de que Guimarães Rosa é um grande inspirador de Mia Couto.

2.5 Moçambique num contexto histórico

Vasco da Gama foi o primeiro Português que chegou a Moçambique, em 1498. Durante os séculos seguintes, Moçambique tornou-se uma colônia portuguesa. Foi no final desse período que os pais de Mia Couto emigraram para Moçambique. Após os 9 anos de idade, Mia Couto viveu durante muito tempo num país caracterizado por conflitos militares. Em 1964 a guerra contra o poder colonial de Portugal começou (Sardica, 2011: 99), e durou 10 anos. O ponto final veio em 1974 (Sardica, 2011: 111), com a Revolução dos Cravos em Portugal, o que foi em grande parte o resultado de ambos os militares e a população portuguesa estarem cansados das guerras intermináveis nas colônias. Em 1975 foi proclamada a independência de Moçambique (Sardica, 2011: 120), e a FRELIMO, o movimento guerrilheiro marxista, assumiu o poder. Antes de 1975, o número de Portugueses no país era cerca de 250.000. Após a independência esse número caiu rapidamente para cerca de 15.000, apenas 6% do número original. Mia Couto fazia parte destes 6%. 600.000 pessoas no total retornaram a Portugal de todas as colônias neste tempo (Sardica 2011: 120). Não demorou muito até que uma sangrenta guerra civil eclodisse entre a FRELIMO, e, por outro lado, os guerrilheiros da RENAMO inicialmente apoiados pela Rodésia e depois pela África do Sul (Cabrita, 2000: 144, 179).

Foi no final deste período de guerra civil que as primeiras obras de Mia Couto foram escritas. *Terra Sonambula* é um retrato assustador dos resultados da guerra, com um país dilacerado pela violência. Em 1994, quando o livro *Estórias Abensonhadas* foi publicado, a paz durava dois anos, e isso pode ser visto refletido no otimismo cauteloso expresso. No prefácio de *Estórias Abensonhadas* podemos ler:

Estas estórias foram escritas depois da guerra. Por incontáveis anos as armas tinham vertido luto no chão de Moçambique. Estes textos me surgiam entre as margens da mágoa e da esperança. Depois da guerra, pensava eu, restava apenas cinzas, destroços sem íntimo. Tudo pensando,

definitivo e sem reparo. Hoje sei que não é verdade. Onde restou o homem sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo (Couto, 2009: 7).

Deve-se também levar em conta que Mia Couto veio de uma posição oficial como representante da FRELIMO que era um movimento marxista na década de 1970. No final da guerra civil, a FRELIMO deixou a sua herança marxista, e permitiu eleições livres. Com a paz e eleições livres, as oportunidades para Mia Couto aumentaram para examinar as fronteiras linguísticas na sua escrita.

3. Análise

Como descrito acima, existem muitos estudos comparativos sobre Guimarães Rosa e Mia Couto, e, em particular, entre os contos de ambos autores, que, em geral, apresentam semelhanças evidentes. Especialmente os dois contos tratados nesta tese têm sido objeto de numerosos estudos, onde várias conclusões têm sido tiradas sobre a influência de Guimarães Rosa sobre Mia Couto. Neste caso, optamos por fazer uma análise a partir de categorias narratológicas, isto é, signos como personagem, ação, espaço, narração, focalização, tempo e desenlace. Uma análise assim organizada é útil tendo em vista uma comparação intertextual onde "A terceira margem do rio" é considerado como hipotexto de "Nas águas do tempo". Para obter uma análise narratológica mais matizada, aplicaremos também os quadros actanciais de Greimas. Na análise trataremos de cada categoria narratológica num capítulo particular.

3.1 Resumo/Ação

Em "A terceira margem do rio", seguimos a história de um homem comum do campo, que manda fazer uma canoa e que, com ela, instala-se num rio, para nunca mais voltar. Apesar de várias tentativas de atraí-lo de volta, ele nunca regressa para a beira. Vêm um padre, soldados, jornalistas, ninguém pode convencê-lo retornar em terra firme. Ele não troca uma palavra com ninguém. O tempo passa, sua filha casa-se e tem filhos, eles movem-se para uma cidade distante. A esposa do homem segue, deixando apenas o filho, que renuncia a casar-se e começar uma família, e constantemente vive com a dor de quem não entende o comportamento do seu pai. Um dia, depois de muitos anos, quando o filho já tinha se tornado velho, ele decide chamar seu pai e se oferecer para tomar o seu lugar, decisão que lhe comunica gritando da praia. Pela primeira vez em todos os anos, o pai responde, e começa a remar para a beira, mas antes do pai chegar, o filho sofre um ataque de pânico e foge, dominado pela ansiedade e medo. Depois disso, o filho fica doente, e ninguém ouve mais do pai.

Em "Nas águas do tempo", um avô num meio rural leva o seu neto várias vezes no rio numa canoa para o lago proibido, em clandestino da mãe do neto. O lago é considerado um lugar onde não se deve ir desnecessariamente, dado que está cheio de espíritos. O avô não revela a missão real, mas quando chegam ao lago, ele quer ensinar ao neto a ver os panos brancos brandidos ao longe na outra margem. São os antepassados que estão ali, e o propósito do avô é transmitir a arte de estar em contato com os ancestrais ao seu neto, para que esse

conhecimento não seja perdido. A magia está constantemente presente em "Nas águas do tempo". Durante uma visita ao lago proibido o avô e o neto caem acidentalmente na água, e têm dificuldades de subir na canoa. O avô, em seguida, começa acenando com um pano e diz ao neto a fazer o mesmo. Então, inexplicavelmente, uma força do fundo do lago ajuda-os a voltar na canoa. Na última visita ao lago, o avô desembarca da canoa, pisa em terra na margem proibida e deita-se no chão, para surpresa e ansiedade do neto. Pela primeira vez, então o neto vê o pano branco da outra margem. A esse momento o avô acena um pano vermelho, o que faz o neto tirar sua camisa e agitá-la no ar. É agora que o neto vê o pano vermelho do avô lentamente virar branco, e ele entende que o seu avô passa para o outro lado para juntar-se aos antepassados. O neto rema de volta ao longo do rio, pensando sobre como ele vai trazer esse conhecimento para as gerações futuras.

3.2 Personagem

As personagens principais em "A terceira margem do rio" são o pai, o filho e a mãe. Enquanto o filho é o narrador, o pai é o protagonista, sendo a personagem descrita com mais detalhes. Com efeito, o conto começa mesmo com a sua descrição:

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que outros, conhecidos nossos. Só quieto (TMR: 32).

Esta descrição inicial é indicativa de toda a história, temos diante de nós um homem taciturno, que não expressa sentimentos fortes, e que mantém a maioria das suas emoções dentro de si.

A mãe é descrita com uma pessoa "quem regia, e que ralhava no diário com a gente" (TMR: 32). Ela também expressa raiva quando o pai ordena uma canoa, e as suas palavras quando o pai se senta na canoa para ir para o rio, "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" (TMR: 32) também dão a impressão de uma mulher irritada e dominadora, acostumada, normalmente, a ser obedecida, mas agora impotente diante o comportamento incompreensível do seu marido.

A personalidade do filho, que é o narrador, é mais difícil de determinar. Ficamos com a impressão de que ele está emocionalmente ligado ao seu pai. Ele queria acompanhá-lo no rio apesar da ira potencial da sua mãe:

[o pai] espiou para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci em seguida, de vez em jeito. O rumo daquilo animava, chega que um propósito perguntei: - "*Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?*" Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a benção, com gesto me mandando para trás (TMR: 32-33, o cursivo é do autor).

É o filho que fornece o pai com alimentos, que está tentando falar favoravelmente sobre o pai em diferentes contextos, "Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim" (TMR: 35), que se sacrifica e permanece na beira do rio por mais tempo, enquanto os outros membros da família

saem “Eu permaneci, com as bagagens da vida” (TMR: 35). Durante todo o tempo, é atormentado por não compreender o comportamento de seu pai. “Nosso pai carecia de mim, eu sei – na vagação, no rio no ermo – sem dar razão de seu feito” (TMR: 35-36).

As personagens principais em “Nas águas do tempo” são o avô e o neto. Como em “A terceira margem do rio”, temos também a mãe do menino, que tem um papel marginal. Não há nenhuma fala sobre um pai, não é certo se ele existe ou não.

No início em “Nas águas do tempo”, lemos: “Vovô era dos que se calam por saber e conversam mesmo sem nada falarem” (NAT: 13). Esta é a primeira descrição do avô que, pode-se afirmar, tem o mesmo papel do pai em “A terceira margem do rio”. Mais uma vez, temos a descrição de uma figura masculina mais velha dando a impressão de um controle emocional.

Já aqui descobrimos, no entanto, uma diferença. Embora ambos sejam contidos na expressão emocional, o pai é descrito como “só quieto” (TMR: 13), enquanto que o avô em “Nas águas do tempo” se comunica, e, embora seja quieto, cala-se por saber e conversa mesmo sem nada falar. E também há uma descrição revelando que: “O avô era um homem em flagrante infância, sempre arrebatado pela novidade de viver” (NAT: 13). Então, uma personalidade mais extrovertida.

A mãe do neto expressa emoção quando o avô leva o neto rio abaixo, “Mas vocês vão aonde? Era a aflição de minha mãe” (NAT: 13), e proíbe o avô de levar seu filho mais vezes. “Em casa, minha mãe nos recebia com azedura. E muito me proibia, nos próximos futuros” (NAT: 15). No entanto, o avô e o neto fazem mais excursões várias vezes, às escondidas.

O neto tem uma personalidade de curiosidade, admirando o seu avô, “Eu me admirava da sua magreza direita, todo ele musculíneo” (NAT: 13). Ao contrário ao filho em “A terceira margem do rio”, não expressa nenhuma ansiedade.

A relação entre o avô e o neto parece se desenvolver como numa relação professor/aluno, com o neto cheio de vontade de aprender, com um espírito aberto.

Antes de partir, o velho se debruçava sobre um dos lados e recolhia uma aguinha com sua mão em concha. E eu lhe imitava. – *Sempre em favor da água, nunca esqueça!* Era a sua advertência. Tirar água no sentido contrário ao da corrente pode trazer desgraça. Não se pode contrariar os espíritos que fluem (NAT: 14, o cursivo é do autor).

O neto fica observador durante quase todo o conto, de uma maneira neutra, sem emoções explícitas, mesmo quando caem da canoa. Não é até o desenlace que ele expressa emoções fortes, quando o avô deixa a canoa, “Fiquei ali, com muito espanto, tremendo de um frio arrepioso” (NAT: 18).

Aqui temos diferença entre os dois contos, o que aparece muito claramente quando analisamos as relações entre o pai/avô e o filho/neto. Como mostramos acima, há uma ligação emocional entre o pai e o filho em “A terceira margem do rio”, mas é muito fraca, e a falta de comunicação entre eles é a causa de muita ansiedade da parte do filho, embora ele não tenha

dúvidas de que seu pai se preocupe com ele. No fim, quando o filho tenta estabelecer um contato, tudo se rompe para sempre.

Em contraste a esses acontecimentos, em "Nas águas do tempo" temos uma relação forte entre o avô e o neto, com excursões comuns, e com trocas de confidências. Em "Nas águas do tempo" o avô também tem êxito com a sua missão de transferir a arte de comunicação entre as gerações.

3.3 Espaço, Narração e Focalização

Em "A terceira margem do rio", o espaço é o campo, uma zona rural indefinida, com o rio numa posição central. A primeira descrição é:

Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado, que sempre. Largo de não poder ver a forma da outra beira (TMR: 32).

É quando alguns jornalistas tentam entrar em contato com o pai:

Nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmas, a escuridão, daquele (TMR: 34).

Não parece uma coincidência que Guimarães Rosa use o rio num papel central neste conto. O fascínio dele pelos rios aparece muito claro na entrevista de Lorenz em 1965, onde ele diz:

Gostaria de ser um crocodilo, porque amo os grandes rios, pois são profundos como alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como os sofrimentos dos homens. Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade (Lorenz, 1973: 8).

Em "Nas águas do tempo", o espaço é também o meio rural indefinido. O rio e o lago têm um papel simbólico, descrito como um objeto misterioso, como um lugar mágico, a conexão entre o velho e o novo, entre o real e o fantástico. A descrição do lago onde o rio desagua é a seguinte:

Aquele era o lugar das interditas criaturas. Tudo o que ali se exibia, afinal, se inventava de existir. Pois, naquele lugar se perdia a fronteira entre água e terra (NAT: 14).

O papel do rio é destacado como lugar simbólico no artigo de Wilma Avelino Carvalho, *O hibridismo cultural em Guimarães Rosa e Mia Couto*, onde ela escreve, "O rio é um entre-lugar onde há confronto entre tradicional e moderno, real e irreal, bem ou mal, ou seja, onde as diferenças se confrontam" (Carvalho, 2012: 5).

A influência de Guimarães Rosa pode ser vista em "Nas águas do tempo", onde a sentença "a água e o tempo são irmãos gémeos, nascidos do mesmo ventre" (NAT: 18), parece ter uma

ligação com a visão de Guimarães Rosa “...rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade” (Lorenz, 1973: 8).

O caráter mágico do rio em “Nas águas do tempo” também se expressa na frase: “Tirar água no sentido contrário ao da corrente pode trazer desgraça. Não se pode contrariar os espíritos que fluem” (NAT: 14).

O que difere os espaços de “A terceira margem do rio” e “Nas águas do tempo” é, no primeiro, mesmo que o rio tenha uma posição central, a ação do conto se desenrola na beira do rio, onde as personagens contemplam o inexplicável comportamento do pai, o que de alguma forma prevê a ruptura final. Em “Nas águas do tempo”, os acontecimentos centrais se desenrolam no lago, com o foco no avô e no neto. As outras ações deste conto se desenrolam no periférico. Então, enquanto seguimos as excursões até o lago em “Nas águas do tempo”, em “A terceira margem do rio” o filho descreve as ações do seu pai de maneira distante como “Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio...” (TMR: 33). Estes fatos também determinam a focalização, como podemos ver abaixo. A focalização do filho é muito mais concentrada em seus pensamentos do que as do neto, que tem mais um foco sobre relatar os acontecimentos.

Ambos os contos têm um narrador homodiegético, narrados pelo filho e pelo neto dos protagonistas, com uma narração ulterior, baseada em memórias (Reis & Lopes, 2004: 256). Em “A terceira margem do rio”, temos uma focalização interna fixa. Quem vê, ouve e pensa é o narrador, o filho. Ao longo da história nós experimentamos sentimentos do filho, suas observações feitas, suas dúvidas e seu sofrimento. O conto é uma recapitulação do filho na perspectiva temporal da sua velhice e ele olha para trás em sua vida, com sofrimento e angústia do passado. É a sua subjetividade que forma o conto, nenhum aspecto é visto de uma posição neutra.

Embora “Nas águas do tempo” seja uma estória contada a partir dos olhos do neto, isto é mais como um observador, alguém que relata os acontecimentos. Como espectador, o neto mostra principalmente curiosidade e desejo de compreender. Não expressa um sentimento particular de desconforto, possivelmente surpresa e emoção. A este respeito os contos se diferem.

Apesar de algumas diferenças, podemos concluir que as semelhanças quanto ao espaço, narração e focalização são evidentes, talvez seja nestas áreas que possamos discernir a maior influência de “A terceira margem do rio” sobre “Nas águas do tempo”.

3.4 Tempo

Os acontecimentos em “A terceira margem do rio” parecem se desenrolar durante quase uma geração. Os mesmos são narrados numa maneira cronológica. Quando a estória começa, o filho parece muito jovem. Depois, os acontecimentos que ele relata são espalhados pelo decorrer de muitos anos. Sua irmã se casa, ela tem um menino, se muda para uma cidade para longe dali. A mãe se muda também. No fim do conto, o filho constata que ele “sofria já o começo de velhice” (TMR: 36) e que “apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos” (TMR: 36), levando-o pensar sobre a situação física e o estado da velhice do seu pai. No fim, o

filho expressa palavras de um homem muito velho: “Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo” (TMR: 37).

A extensão temporal da história “Nas águas do tempo” é menor. Pode se desenrolar por algumas semanas. Há três excursões descritas, a primeira, e depois a segunda, que ocorre num momento indefinido, “certa vez” (NAT: 15). Depois, a terceira excursão ocorre “na tarde seguinte” (NAT: 17) da segunda excursão. Mesmo se o tempo tenha um papel importante em ambos contos, a maneira pela qual ele é usado varia: em “A terceira margem do rio” é a história que tem uma extensão longa, e em “Nas águas do tempo” o tempo é mais um símbolo, como na sentença “Neste lugar, não há pedacitos. Todo o tempo, a partir daqui são eternidades” (NAT: 16), ou na sentença “a água e o tempo são irmãos gêmeos, nascidos do mesmo ventre” (NAT: 18).

Quando se trata do tempo real, durante o qual as histórias se desenrolam, vemos muito poucas semelhanças entre estes dois contos. A semelhança reside mais no tema subjacente, ou seja, as distâncias entre as gerações numa sociedade em desenvolvimento, e aqui os autores escolheram caminhos diferentes para descrevê-las.

3.5 Desenlace

Temos aqui dois contos com certas semelhanças, até que no artigo de Vima Lia Martin, *O “mundo misturado” de Guimarães Rosa e Mia Couto*, ela lança a hipótese “de que Mia Couto escreveu a sua história a partir da leitura que fez de “A terceira margem do rio”, numa espécie de homenagem ao escritor brasileiro” (Martin, 2010, 69).

O realismo da ação em “A terceira margem do rio” é obviamente duvidoso, porque não há nenhuma probabilidade de que uma pessoa pudesse estar num barco por um tempo tão longo. Já em “Nas águas do tempo”, Mia Couto assume um passo mais adiante, com as interações com os antepassados/espíritos. Ambos os autores estão perto do movimento chamado Realismo Mágico; quando se trata de Couto, também do movimento literário do Realismo Animista. O aspecto irreal é destacado no artigo de Wilma Avelino de Carvalho, *O hibridismo cultural em Guimarães Rosa e Mia Couto*, onde ela escreve que “Os títulos dos contos remetem à imagem de um rio com seus fluxos, suas margens que levam a sonhar com travessias, jornadas para uma outra realidade, para o ‘além-mundo’” (Carvalho, 2012, 4).

No desenlace de “A terceira margem do rio”, o filho é finalmente deixado sozinho na residência na beira do rio, incapaz de se mover e tem sentimentos de culpa em relação a seu pai, como se fosse por culpa dele que o seu pai estivesse agindo como ele fazia. “Eu permaneci, com as bagagens da vida” (TMR: 35). O fim é dramático. Após muitos anos o filho faz uma tentativa de chamar o pai. Ele diz poder tomar o lugar do seu pai e, então, pela primeira vez em muitos anos, o pai se aproxima. Mas antes que ele chegue, o filho entra em pânico e foge, com medo e ansiedade.

Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado, declarado, tive que reforçar a voz: - “Pai, o senhor

está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor na canoa!... “ E assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo. Ele me escudou. Ficou em pé. Manejou remo n’água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto – o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia.... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão (TMR: 36-37, o cursivo é do autor).

Após, o pai desaparece para sempre. O filho fica doente, vê a sua vida chegar ao fim. O comportamento do pai nunca é explicado, cabe ao leitor a interpretar os acontecimentos. Nem doença mental é dado como uma explicação. “Na nossa casa, a palavra não se falava. Nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos” (TMR: 36).

O desenlace em “Nas águas do tempo” é muito diferente. O avô leva o neto para o lago uma última vez, e quando chegam ao lago o avô diz “fique aqui”, e o seguinte acontece:

[o avô] saltou para a margem, roubando o peito no susto. O avô pisava os interditos territórios? Sim, frente ao meu espanto, ele seguia em passo sabido. A canoa ficou balançado, em desequilíbrio com meu peso ímpar. Presenciei o velho a alonjar-se com a discrição de uma nuvem. Até que, entre a neblina, ele se declinou em sonho, na margem da miragem. Fiquei ali, com muito espanto, tremendo, de um frio arrepioso. Me recordo de ver uma garça de enorme brancura atravessar o céu. Parecia uma seta trespassando os flancos da tarde, fazendo sangrar todo o firmamento. Foi então que deparei na margem, do outro lado do mundo, o pano branco. Pela primeira vez eu coincidia com meu avô na visão do pano. Enquanto ainda me duvidava foi surgindo, mesmo ao lado da aparição, o aceno do pano vermelho do meu avô. Fiquei indeciso, barafundado. Então, lentamente, tirei a camisa e agitei-a nos ares. E vi: o vermelho do pano dele branqueando, em desmaio de cor. Meus olhos se neblinaram até que se poentaram as visões (NAT: 18).

Nestas partes dos textos encontramos a maior diferença dos contos. Enquanto “Nas águas do tempo” expressa confiança no futuro, “A terceira margem do rio” afunda num buraco profundo de ansiedade e culpa.

E nas últimas sentenças de ambos os contos esse sentimento é reforçado mais uma vez. Começamos por “A terceira margem do rio”:

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio fora, rio a dentro – o rio (TMR: 37).

Um fim bastante escuro e melancólico, quando comparado a “Nas águas do tempo”:

Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras do meu velho avô: a água e o tempo são irmãos gémeos nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos da outra margem (NAT: 18).

Ruptura entre gerações contra continuidade, melancolia e sofrimento contra esperança no futuro. Aqui concordamos com a conclusão do Vima Lia Martin, que no seu artigo *O “mundo misturado” de Guimarães Rosa e Mia Couto* escreve que:

Se no conto roseano o saldo da ausência do pai é a ruptura social e familiar e a falta de entendimento, no conto de Mia, a presença do avô determina aprendizado e garante a continuidade das tradições e a manutenção dos valores no interior da família” (Martin, 2010: 73).

Também a declaração de Vilma Avelino de Carvalho no seu artigo *O hibridismo cultural em Guimarães Rosa e Mia Couto*, aponta nesta direção:

Enquanto em “Nas águas do tempo”, o narrador, o neto dá continuidade ao ritual de mistérios dos panos; em “A terceira margem do rio”, o narrador, o filho rompe com a sina do pai” (Carvalho, 2012: 7).

3.6 Quadros actanciais

Como mencionado acima, usaremos o modelo de quadros actanciais de Greimas. Segundo esta teoria, a discussão sobre os atuantes gira em torno da definição dos personagens por meio de suas ações. Dessa maneira, podemos destacar semelhanças entre praticamente todas as narrativas, sejam reais ou fictícias. Uma vez definidos por suas ações, o personagem deixa de ser importante, o que importa é sua atuação. Se aplicarmos os quadros actanciais aos contos, as diferenças parecem ainda mais claras, veja abaixo:

Quadro actancial de “A terceira margem do rio”:

Sujeito	Função	Objeto
O pai	Quer ir numa canoa no rio para obter	Isolamento
Dador	Função	Destinatário
A falta de comunicação	Fazem possível	Para o pai se isolar
Adjuvantes		Oponentes
O filho, que ajuda com alimentos e fica na praia, defende o pai em público.		A família inteira, um padre, uns soldados, uns jornalistas. O filho, no papel do seu desentendimento.

Quadro actancial de “Nas águas do tempo”:

Sujeito	Função	Objeto
O avô	Quer ir com o neto ao lago proibido para	Transferir conhecimento ao neto sobre como comunicar com os antepassados
Dador	Função	Destinatário
O neto	Está susceptível	À aprendizagem do avô
Adjuvantes		Oponentes
O neto, com acompanhador nas excursões		A mãe, a sociedade em geral que está cega

Vemos aqui o pai e o avô nos papéis de sujeitos/heróis, no caso do pai, um herói problemático, onde a função é que eles querem ir numa canoa no rio ou ao lago.

O objeto, no entanto, é muito diferente. O pai busca o isolamento da sociedade, por razões incompreensíveis, enquanto o avô tem uma missão específica, transferir ao neto a arte de se comunicar com os antepassados.

O dador é também diferente. O que no caso de “A terceira margem do rio” faz possível para o pai atingir o seu alvo, isto é, o seu isolamento, é a falta da comunicação. A possibilidade de o filho assumir a papel de dador, ocorre no fim do conto, quando ele se oferece para tomar o lugar de seu pai, mas isso nunca ocorre, o que é a epifania do conto. O dador em “Nas águas do tempo” é o neto, que está susceptível à aprendizagem do avô.

Não é certo que se possa falar de um adjuvante no caso de “A terceira margem do rio”, o papel do filho é o mais perto disso, mas ele também tem o papel de oponente, com suas dúvidas das ações do seu pai. O papel do neto parece mais claro, ambos como dador e adjuvante. Ele está perto de um papel de discípulo.

As mães podem ser vistas como as oponentes, mesmo que a oposição que elas mostrem seja mais de uma desaprovação do que de uma posição adversaria.

Os oponentes em “A terceira margem do rio” são também representados pelas chegadas dos soldados e jornalistas, entre outros. Em “Nas águas do tempo”, os oponentes são mais indefinidos, a única outra personagem que é descrita é a mãe, mas há uma referência aos “outros” quando o avô explica:

O que acontece, meu filho, é que todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma

total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos (NAT: 17).

Como vemos acima, não é no plano actancial em que podemos encontrar mais semelhanças entre os contos. A falta de congruência actancial é evidente, não é nesta área que vamos encontrar a influência de Guimarães Rosa sobre Mia Couto, nem nas mensagens. É mais no enredo, com o campo e o rio que ligam estas obras.

4. Conclusões

Como podemos ver a partir da análise acima, existem aspectos claros que mostram que Mia Couto tomou inspiração de "A terceira margem do rio" quando escreveu "Nas águas do tempo". Os espaços são muito semelhantes, são meios rurais indefinidos topograficamente. As personagens são povos simples do campo, sem descrição de profissão outra do que pareça mais provável, isto é, que sejam agricultores. O rio tem um papel central em ambos os contos, é um símbolo do irreal e da eternidade, onde o pai de "A terceira margem do rio" procura isolar-se do mundo, enquanto o avô de "Nas águas do tempo" procura transferir a arte de manter o contato com as gerações passadas. Ambos contos são no início contados a partir da perspectiva de uma criança.

Todavia, enquanto esses aspectos são semelhantes, há muitos que os diferem. Para começar, "A terceira margem do rio", é uma recapitulação de um homem já velho. No caso de "Nas águas do tempo", não é claro quantos anos o narrador tem, mas parece que ele ainda é jovem no desenlace da história. Este fato pode ser associado às idades dos autores quando os contos foram escritos. Além disso, "A terceira margem do rio" parece se estender por muitos anos, quase uma geração, durante a qual o filho envelhece. Em "Nas águas do tempo", temos acontecimentos que ocorrem durante um período de tempo muito mais curto. Enquanto Guimarães Rosa descreve uma emoção estendida e cada vez mais profunda, prolongando a extensão temporal da história até o desenlace, Mia Couto opta por uma extensão mais limitada, talvez de só umas semanas.

Também as interações entre as personagens principais são diferentes. Em "A terceira margem do rio" temos um acontecimento dramático no início do conto, o pai deixa a família para ir ao rio. Durante o resto do conto, o único contato que ele tem com o mundo exterior é por meio do filho que lhe fornece um pouco de comida, e que fica na beira, mas esta é uma ligação muito fraca. Em "Nas águas do tempo" temos uma interação constante entre avô e neto, até que o avô deixa a vida terrena.

Em "A terceira margem do rio", o mais forte sentimento que o filho expressa é não poder compreender as ações do seu pai, por mais que ele tente. Este sentimento provoca ansiedade e culpa. Neste processo, o filho será a vítima, que acaba numa posição intermediária, o único que restava com o pai, uma ligação que finalmente se rompe. Em "Nas águas do tempo", após da incompreensão inicial do neto, o avô consegue finalmente com seus esforços criar uma ligação entre as gerações, e o neto retorna com a convicção de que ele tem uma herança a passar.

Estas diferenças podem certamente ser interpretadas de várias maneiras. Uma delas é considerando que, durante o tempo quando Guimarães Rosa escreveu as suas obras, a sociedade passou por um desenvolvimento econômico e social muito rápido, o que talvez possa ser considerado como não totalmente positivo. Uma parte das tradições antigas desaparecia, mesmo com a vida simples e autêntica como Guimarães Rosa parecia preferir, ao custo da modernização da sociedade. Neste movimento, a lacuna entre as gerações mais velhas e mais jovens se alargou. A ansiedade que o filho em "A terceira margem do rio" descreve pode muito bem ser uma expressão desse desenvolvimento.

Quanto a "Nas águas do tempo", como referido acima, foi escrito logo depois do fim da guerra civil no Moçambique. Mesmo com uma fadiga incompreensível e um país rasgado e em ruínas, Mia Couto se esforça para preservar a utopia de uma boa sociedade, onde a ligação entre as gerações permanece intacta.

Bibliografia:

Primária

COUTO, Mia. (2009 [1994]), "Nas águas do tempo" (NAT) em *Estórias abensonhadas*. Lisboa: Editorial Caminho.

ROSA, João Guimarães. (1985 [1962]) "A terceira margem do rio" (TMR) em *Primeiras estórias*. São Paulo: Nova Fronteira.

Secundária

ABDALA, B. & CAMPEDELLI, S.Y (1985), *Tempos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Ática.

ABAUURRE, M. L. M. & PONTARA, M. (2005), *Literatura Brasileira, Tempos, Leitores e Leituras*. São Paulo: Moderna.

CABRITA, J. (2000), *Mozambique, The tortuous road to democracy*. New York, N.Y.: Palgrave.

CARVALHO, Wilma Avelino de. (2012), "O hibridismo Cultural Em Guimarães Rosa e Mia Couto", *dEsEnrEdos*. IV, 15, 1-9.

COUTO, Mia. (2005), *Pensatempos*. Lisboa: Editorial Caminho.

COUTO, Mia. (2014 [1990]), *Cada homem é uma raça*. Lisboa: Editorial Caminho.

CHAGAS, Silvana Núbia. (2007), *Nas fronteiras da memória: Guimarães Rosa e Mia Couto, olhares se cruzam*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo.

DEL PRIORE, M. (2010), *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Planeta.

LIA MARTIN, Vima. (2010), "O 'mundo misturado' de Guimarães Rosa e Mia Couto", *Mulemba*. Rio de Janeiro.

LORENZ, Günter. (1973) *Diálogo com a América Latina*. São Paulo: E.P.U.

REIS, Carlos. (1992), *Técnicas de análise textual*. Coimbra: Almedina.

REIS, Carlos. (2008) *O conhecimento da literatura*. Coimbra: Almedina.

REIS C. & LOPES, A. C. M. (2004), *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina.

SARDICA, José Miguel. (2011), *O século XX Português*. Alfragide: Texto Editores.

SILVA, Avani Souza. (2006), *Guimarães Rosa e Mia Couto, Ecos do Imaginário Infantil*. Dissertação, Universidade de São Paulo.